



Isadora Vicente Rafael

Do real a ficção: a sociedade do espetáculo na personificação de herói e vilão na minissérie Bandidos na TV

Este artigo foi julgado adequado à obtenção do grau de bacharel em Publicidade e Propaganda e aprovado em sua forma final com média 10,0, pelo Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Sul de Santa Catarina.

17/12/2020

Prof^a. Esp. Teresinha Rublescki Silveira (Orientadora)

Prof^a. Esp. Mauro Fucilini (Convidado)

Prof^a. Mestre Roberto Luiz Svolenski (Convidado)

Mauro Roberto Fucilini

Coordenador dos cursos de Design de Moda, Jornalismo e Publicidade e Propaganda

DO REAL À FICÇÃO: A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO NA PERSONIFICAÇÃO DE HERÓI E VILÃO NA MINISSÉRIE BANDIDOS NA TV ^{1*}

Isadora Vicente Rafael^{2**}

Resumo: O objetivo do presente artigo é analisar a Sociedade do Espetáculo na personificação de Herói e Vilão na minissérie Bandidos na TV. O caso exposto na minissérie é do ex-deputado Wallace Souza e sua suposta organização criminosa. Os principais autores utilizados foram Guy Debord, Cláudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro, Christopher Vogler, C.G. Jung, entre outros. Concluiu-se que sim, existe personificação de Herói e Vilão na minissérie “Bandidos na TV”.

Palavras-chave: Sociedade do Espetáculo. Herói e Vilão. Bandidos na TV.

1. Introdução

O consumo de drogas no Brasil é crescente e vertiginoso. Pesquisa indica 3,5 milhões de usuários de drogas ilícitas. Segundo a pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (2017), 9,9% dos brasileiros relatam ter usado drogas ilícitas pelo menos uma vez (CORREIO BRAZILIENSE, 2019). A demanda crescente faz com que o tráfico ganhe ainda mais força.

A violência na conquista de território para o tráfico de droga causa horror e caos aos moradores de diversas regiões que precisam conviver com a constante insegurança. Em regiões fronteiriças, a tensão aumenta em decorrência do contrabando de drogas que ameaça ainda mais as regiões periféricas e com fácil fluxo de rotas escoadoras, como rios.

Diversos programas sensacionalistas entram em cena quando trata-se de escancarar a violência que castiga as regiões periféricas das cidades ao redor do mundo. Programas esses, que buscam explorar a notícia de todas as formas possíveis e nem sempre da melhor maneira. Cenas, muitas vezes, pesadas fazem com que os espectadores choquem-se diante de tudo que é mostrado. A imagem chocante faz com que o assunto seja comentando entre os telespectadores, redes sociais e etc., produzindo verdadeiros líderes de audiência.

^{1*} Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pelo(a) professor(a) Teresinha Rublescki Silveira.

^{2**} E-mail: isadorajv@hotmail.com.

Nesse sentido, a tese da Sociedade do Espetáculo, publicada por Guy Debord, em 1967, é uma crítica sobre capitalismo, consumo e a sociedade. Na contemporaneidade, pode-se analisar, com essa tese, diversos outros aspectos. O espetáculo, segundo Debord (1967), é simultaneamente resultado e projeto do modo de produção existente. Ele ainda menciona sobre a espetacularização da imprensa e a alienação causada nos telespectadores.

Dessa forma, o artigo busca identificar a justificativa para a ocorrência de tal personificação, utilizando os conceitos da Sociedade do Espetáculo, escrito por Guy Debord (1967), e os Arquétipos de Herói e Vilão, escritos por Vogler (2006) na narrativa televisiva “Bandidos na TV”, cujo enredo é baseado em fatos. O problema de pesquisa é buscar entender se, na minissérie analisada, a Sociedade do Espetáculo justifica a personificação de Vilão e Herói no apresentador Wallace de Souza. De maneira a identificar o perfil do apresentador e sua trajetória profissional, bem como a composição do programa, linguagem e público alvo.

Trata-se de uma pesquisa aplicada que, segundo Fábio Rauén (2002), se utiliza de conhecimentos já disponíveis para aplicação prática. A fundamentação teórica, nesse caso, baseia-se nas obras de Debord (1967), Coelho e Castro (2006), C. G Jung (2002), Vogler (2006), dentre outros autores.

A pesquisa será feita de maneira exploratória, consistindo em proporcionar familiaridade com o problema. É uma pesquisa de campo, que busca informações onde elas se encontram e bibliográfica, pois consiste em utilizar material já elaborado. Sendo qualitativa de descrição, consideramos um estudo de caso, pois é uma análise profunda sobre um objeto que permite conhecimento amplo e detalhado. O método será dedutivo que apresenta “abordagem da realidade, a partir de postulados universais, leis, teorias, para a observação de fenômenos particulares” (RAUEN, 2002, p. 37). O objeto de estudo desta pesquisa é a minissérie “Bandidos na TV”, sendo o corpus os 7 episódios da minissérie:

- 1º Episódio: A acusação;
- 2º Episódio: A investigação;
- 3º Episódio: Conspiração;
- 4º Episódio: O filho;
- 5º Episódio: Nas mãos de Deus;
- 6º Episódio: O julgamento;
- 7º Episódio: Comoção e barbárie.

A descrição dos episódios da minissérie, juntamente com a análise, confrontada com a teoria da Sociedade do Espetáculo e os Arquétipos de Herói e Vilão serão necessárias para cumprir os objetivos propostos

Essa pesquisa possui 5 subdivisões, sendo: Sociedade do Espetáculo, Herói ou Vilão? Estudo de Caso: Bandidos na TV e Conclusão. Para utilizar as metodologias acima mencionadas, será necessário apresentar o referencial teórico. O próximo capítulo apresentará a tese da Sociedade do Espetáculo.

2. Sociedade do Espetáculo

A principal fonte de embasamento teórico deste projeto é o livro sobre teoria da Sociedade do Espetáculo, escrito por Guy Debord, em 1967. Bem como o livro escrito por Cláudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro, em 2006. Já na primeira tese, Debord (1967, p. 22) resume a vida nas sociedades modernas como “uma imensa acumulação de espetáculos”, onde tudo que antes se vivia, hoje são apenas representações. A sociedade explanada por ele é baseada em aparências, ter é mais importante que ser. Debord (1967, p. 24) assim conceitua o espetáculo:

O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Ele nada mais diz senão que o que aparece é bom, o que é bom aparece. A atitude que ele exige por princípio é esta aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve pela sua maneira de aparecer sem réplica, pelo seu monopólio da aparência.

Fragmentando o que Debord (1967) diz, positividade indiscutível e inacessível refere-se justamente sobre as aparências que não são questionadas pelos integrantes do espetáculo. Ocorre a aceitação passiva, que é não discutir sobre as coisas impostas. No mesmo livro, Debord (1967) ironiza que a Sociedade do Espetáculo é perfeita para ser governada. Como pode-se analisar, essa passagem é comentada pelos autores Coelho e Castro (2006, p. 25) e “não deve ser entendida como uma afirmação do caráter eterno da dominação burguesa. Trata-se de uma ironia feita pelo autor. A existência do espetacular integrado parece apontar não para a eternização do capitalismo, mas para o seu fim.” Até hoje, esse sistema econômico prevalece.

Segundo Debord (1967, p. 23), vivemos em uma sociedade com evidente produção de espetáculos:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um suplemento ao mundo real, a

sua decoração readicionada. [...] Forma e conteúdo do espetáculo são, identicamente, a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação da parte principal do tempo vivido fora da produção moderna.

Sobre a mercadoria como espetáculo, “o resultado concentrado do trabalho social, no momento da abundância econômica, torna-se aparente e submete toda a realidade à aparência, que é agora seu produto” (DEBORD, 1967, p. 33).

A atualização da teoria explica que, “a realidade contemporânea pode, desse modo, ser entendida como um segundo momento (fase) da Sociedade do Espetáculo, quando esta se impõe mundialmente” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 23). Onde, um elemento que se pode observar são as relações sociais mediadas por imagens. Segundo Coelho e Castro (2006, p. 17), “a realidade social já não aparece como coisa, mas como imagem que oscila entre ser um conjunto autônomo e separado das ações humanas e uma multiplicidade de ações fragmentadas.”

Outra questão abordada por Debord (1967) é o papel da imprensa na Sociedade do Espetáculo. Ele apresenta a imprensa como uma forma particular de produção do espetáculo. Ela reproduz alguns aspectos aparentes dessa sociedade. Coelho e Castro (2006, p. 50, 51) abordam esse mesmo assunto focando na alienação que a imprensa pode causar nos telespectadores e/ou leitores:

Muito se falou que pior que não ler jornal seria ler apenas um determinado jornal. Essa história necessita de uma complementação: pior do que não ler nenhum jornal seria ler apenas jornais com um padrão de produção semelhante, ou seja, apenas se informar sobre o mundo com base nas perspectivas da grande imprensa. Esse é o ponto. (COELHO e CASTRO, 2006, p. 50)

Ainda nesse livro, os autores defendem que a imprensa é uma forma de representação do mundo e seus fatos, ela pode tanto aproximar-se do funcionamento da sociedade, como afastar-se de uma representação ideológica. O espectador está sempre exposto a alienação.

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. (DEBORD, 1967, p. 28)

Debord (1967) comenta que a alienação é uma atividade inconsciente, ou seja, que ocorre de forma não consciente e escolhida. Os espectadores recebem as informações e, inconscientemente, elas as contemplam e, como consequência, acontece a deslocação da atenção. Para Coelho e Castro (2006, p. 16), “a alienação é simultaneamente material e intelectual (cognoscitiva).”

Descrita por Debord (1967) como uma forma particular de produção do espetáculo, a imprensa também pode ter o propósito de ser indústria cultural, assim como o cinema, o rádio e a tv. “Os jornais diários e as revistas semanais fazem um jornalismo cada vez mais preocupado com o sucesso de mercado, regulados por parâmetros e metas mercadológicas” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 35).

O entretenimento tem a função de expressar ideias de forma divertida e “jornais, revistas, programas de rádio e de televisão, filmes, videocliques etc., são todos produtos de corporações industriais e comerciais que buscam lucros e atuam na lógica do mercado com o objetivo de oferecer mercadorias ao consumidor de maneira fácil e prazerosa” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 115).

A espetacularização midiática faz com que a causa da repercussão seja a violência transmitida na imprensa. “Nessa linha, quanto mais violência no noticiário, maior audiência, maior preço do horário para anúncio e maior o retorno em publicidade.” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 83). Excelentes exemplos de programas que exploram esse gênero são: *Cidade Alerta* e *Balanço Geral*, ambos da RecordTV, - o primeiro é exibido de segunda a sexta, no final da tarde, as 17h já o segundo, é exibido de segunda a sexta a partir das 11h50min, e aos sábados a partir das 13h -, com uma narrativa trágica e dramática que prende o telespectador e conquista números fascinantes de audiência.

A sociedade capitalista, denominada neoliberal, chega, hoje, a um estágio em que o consumo, estimulado pela publicidade, exerce forte influência sobre a vida das pessoas, tornando-se quase uma religião que condiciona e organiza a vida econômica, com reflexos gerais em todas as esferas da vida. Essa forte influência compreende as vendas, as compras, as escolhas e os negócios. (COELHO e CASTRO, 2006, p. 111, 112)

Segundo Debord (1967, p. 22), o espetáculo não pode ser visto como produto das técnicas de difusão massiva de imagens, pois “ele é bem mais uma *Weltanschauung* tornada efetiva, materialmente traduzida”. *Weltanschauung*, em português, significa cosmovisão. Segundo o site Dicio (2020), o “modo particular de perceber o mundo, geralmente, tendo em conta as relações humanas, buscando entender questões filosóficas (existência humana, vida após a morte, etc.); concepção ou visão de mundo”.

Essa particularidade pode ser entendida como uma forma de linguagem espetacular, segundo a qual o que se deseja alcançar é o próprio espetáculo.

A sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetacularosa. No espetáculo,

imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenvolvimento é tudo. O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si próprio. (DEBORD, 1967, p. 24)

Na sociedade moderna, o espetáculo “está ao mesmo tempo unido e dividido. [...] A contradição, quando emerge no espetáculo, é por sua vez contradita por uma reinversão do seu sentido; de modo que a divisão mostrada é unitária, enquanto que a unidade mostrada está dividida”. (DEBORD, 1967, p. 35). A desunião unida descrita pode ser entendida como as variáveis políticas.

Como uma mesma corrente, desenvolvem-se as lutas de classe da longa época revolucionária, inaugurada pela ascensão da burguesia, e o pensamento da história, a dialética, o pensamento que já não para à procura do sentido do sendo, mas que se eleva ao conhecimento da dissolução de tudo o que é; e no movimento dissolve toda a separação. (DEBORD, 1967, p. 42)

As imprensas chamadas alternativas, propõem um discurso menos ideológico do que a mídia tradicional. “Nesse sentido, poderíamos, paradoxalmente, deduzir que quanto mais afastado dos cânones do jornalismo 'clássico' e mais próximos do entretenimento (isto é, do cômico e do grotesco), menos forte se faz o discurso hegemônico” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 63).

Uma categoria da imprensa alternativa é o gênero sensacionalista, que inclina-se a “explorar o extraordinário, o anormal, o *fait divers*, utilizando-se da linguagem do espetáculo e imagens chocantes que prendem a atenção do público, criando grande expectativa, mas perde o seu impacto inicial logo que a história é mostrada e consumida pelo telespectador.” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 81). Como o próprio nome sugere, esse gênero busca de forma desmedida narrar histórias.

Além de que “o crescente interesse da televisão por episódios que contêm um certo grau de violência ou tragédias humanas, salvo raras exceções, é caracterizado mais pelo espetáculo do que pela busca de soluções” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 86). É um conjunto de fatores que faz com que o espectador fique querendo saber mais sobre o tema, ou seja, a provocação e o apresentador instigando o ouvinte.

As resoluções das tragédias são falsamente apresentadas pelos programas sensacionalistas, evidentemente que é parte de sua estratégia. “Além de vender a violência, vende a ilusão de resolver os problemas. Na verdade, estamos diante de mais um produto de consumo e uma sensação de frustração e vazio a ser preenchida pela aquisição de outros bens descartáveis, criando um círculo vicioso de dependência e repetição numa sociedade de

espetáculo” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 86, 87).

Aparentemente a impressão é “que o cidadão (consumidor) tem plena liberdade de escolha, mas, fazendo uma reflexão além das manifestações superficiais, surge outra realidade. A padronização e a repetição atingem todos os aspectos da produção cultural e artística” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 90). Pense nos programas, todos possuem algo em comum: querem a sua atenção e utilizam de artifícios para consegui-la.

“Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação” (DEBORD, 1967, p. 22). Pense nos espectadores desses programas, a violência sofrida por eles, diariamente, agora era representada pelos programas sensacionalistas.

Os programas sensacionalistas “aproveitam-se das formas do popular, não para expressar anseios, mas para esvaziar de sentido um outro discurso possível, para absorver o popular na normatização inerente à indústria cultural” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 65). Sendo esse discurso menos hegemônico.

A linguagem utilizada pelos programas sensacionalistas é coloquial e popular para que os telespectadores sintam-se representados. Além disso, “é um discurso que oscila entre, por um lado, tentar indicar as causas da violência, a falta de segurança exigindo das autoridades soluções e, por outro, mostrar os crimes, os bandidos, a polícia em ação, os tiroteios, normalmente envolvendo marginalizados, pobres, favelados, desempregados” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 98).

Lembre-se que “a violência consumida através do telejornal faz parte e ao mesmo tempo é alimentada pela violência real que ronda as nossas cidades” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 94). A violência real é o que produz material para os telejornais transmitirem e exigirem “justiça” em alto e quase verídico tom de injúria.

Segundo Debord (1967, p. 22), “se o espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos 'meios de comunicação de massa', que são a sua manifestação superficial mais esmagadora, pode parecer invadir a sociedade como uma simples instrumentação.”, a comunicação serve como mediação da administração, sendo ela inseparável do Estado.

O que se pretende alcançar com esse gênero é “ser um instrumento de reivindicação, não se limitando apenas a noticiar os fatos, mas de fazer “justiça” e de pressionar instituições

num processo de apropriação e de clara inversão dos papéis sociais” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 101). Sabe-se que, muitas vezes, a justiça feita é fictícia, desempenhando o papel moral necessário para conseguir a confiança dos telespectadores.

A característica mais marcante do discurso sensacionalista é a “sensação de impunidade e insegurança, pela ausência de esperança de que essa situação seja resolvida pelo Estado e pelas autoridades do poder público” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 98). Ao mesmo tempo que repudiam os atos cometidos pelos bandidos, dão palco para toda a violência vivida diariamente. E a forma com que chocam os telespectadores é utilizando imagens que são “atraentes e prendem a atenção porque sensibilizam” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 99).

Frequentemente, as notícias não são, necessariamente, sensacionalistas, mas através da “utilização do tom escandaloso e chocante na produção de noticiário que extrapola o real, adquirindo um certo grau de ficção” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 100) acabam por ganhar repercussão de mesmo viés. O primeiro aspecto que deve ser explorado para chamar a atenção dos telespectadores são as manchetes. São elas que geram a curiosidade para que os telespectadores permaneçam até o final da reportagem. “A expectativa em torno das promessas de revelação da chamada é maior do que aquilo que o desenvolvimento da matéria oferece” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 100).

Quando a matéria é exibida, não faltam detalhes quanto ao crime ocorrido, são contados os números de tiros, facadas, perguntam ao assassino se existe arrependimento. “Quando o repórter ou o apresentador estiver entrevistando um infrator, não pode optar pela objetividade e distanciamento. Ele deve ser agressivo, usando o microfone, as perguntas e as imagens como um chicote” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 101).

Debord (1967, p. 28) comenta que “o espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se toma imagem”. Repórter e apresentador descrevem tudo o que estão vendo na cena. “Essa maneira de mostrar os acontecimentos segue a mesma forma no decorrer dos programas, o que nos faz afirmar que esse telenoticiário é repetitivo.” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 101). a narrativa se estende como se estivéssemos lendo um livro e não uma matéria jornalística. A atenção do espectador é apreendida pela forma como são narrados os fatos. Detalhadamente e com um pouco de emoção do repórter. Quase um storytelling da vida real.

Apresentadores desse gênero são vistos como pessoas de bem, juntamente com a polícia combatendo o mal. Além disso, também lutam para “melhorar as condições de vida da

população na saúde, segurança, educação e contribuir para os debates com 'pesquisas'. Os políticos, preguiçosos, corruptos, ausentes e enganadores são alvos de pesadas críticas” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 101, 102).

As “pesquisas sociais” são feitas durante o programa, “convidando os telespectadores a opinar sobre temas que afetam a vida da população: criminalidade, segurança, leis, penas, sistema judiciário, saúde, moradia, transportes, educação, etc.” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 94). Cidadãos comuns discutem problemas que enfrentam diariamente, mas sem embasamento nenhum. Com isso, cria-se a sensação de problemas solucionados.

Espectadores anestesiados. Dessa forma o "cliente" não reflete sobre a real necessidade de determinado produto ou serviço e acaba por consumir. “O sorteio dos prêmios é anunciado em meio ao desenvolvimento das matérias, numa mescla entre publicidade e notícia. Dessa forma, violência e desgraça misturam-se com a sorte e a alegria dos premiados” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 95).

As contradições evidentes que acontecem nesses programas podem ser observadas quando “o programa muda as informações sem verificar os dados. Isso, de certa forma, afeta a veracidade e a seriedade com que as matérias são feitas, uma característica do gênero sensacionalista” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 98).

Pode-se observar como “o telejornal acaba por segregar, simbolicamente, as classes populares porque aparecem sempre representadas como perigosas, estereotipadas e violentas.” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 98). Ao mesmo tempo que são mostrados como vulneráveis, os membros das áreas suburbanas são culpabilizados pela violência.

“Não é somente pela sua hegemonia econômica que a sociedade portadora do espetáculo domina as regiões subdesenvolvidas. Domina-as enquanto sociedade do espetáculo.” (DEBORD, 1967, p. 36). Portanto, as regiões mais atingidas pela violência são as periféricas.

“A produção de estrelas e celebridades é uma das marcas da indústria cultural” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 102). Os apresentadores do gênero sensacionalista são celebridades que vendem soluções para os mais necessitados. Sabe-se que, “pelo seu conteúdo, os telejornais sensacionalistas podem ser considerados mais um produto da cultura de massa³”

³ É o termo empregado para significar o processo de produção de bens de consumo (de vários tipos) que alcancem uma grande parcela da população, com fins fundamentalmente lucrativos e comerciais.

que um meio informativo (COELHO e CASTRO, 2006, p. 103).

Culturalmente, “o potencial de produção de mitos existe em qualquer sociedade, mas é a sociedade capitalista que mais produz mitos.” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 156)

Em seguida, apresenta-se um capítulo sobre os mitos e arquétipos do Herói e o Vilão e suas aplicações nas narrativas.

3. Herói ou Vilão?

Para compreender o inconsciente coletivo e os arquétipos, neste caso os arquétipos Herói e Vilão, serão utilizados alguns livros, dentre eles: Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo de C. G. Jung, A Jornada do Escritor de Christopher Vogler, O Herói de Mil Faces de Joseph Campbell, Herói e O Fora-da-Lei de Margareth Mark e Carol S. Pearson e A Criação de Mitos na Publicidade, de Sal Randazzo.

O inconsciente coletivo e os arquétipos são as teorias mais conhecidas de C. G. Jung. Segundo Jung (2002), existem duas camadas de inconsciência, uma mais ou menos superficial chamada de *inconsciente pessoal* e uma mais profunda chamada *inconsciente coletivo*. A primeira, como o próprio nome sugere, trata-se de uma inconsciência particular. Já a segunda refere-se “aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2002, p. 16).

Sobre os arquétipos, “o psicólogo suíço Carl Gustav Jung empregou o termo para designar antigos padrões de personalidade que são uma herança compartilhada por toda a raça humana” (VOGLER, 2006, p. 48). Jung (2002, p. 52) comenta que “são formas sem conteúdo” e sua principal fonte está nos sonhos, que possuem a “vantagem de serem produtos espontâneos da psique inconsciente”, não sendo, assim, influenciados por intenções conscientes.

Após a sugestão de existência do inconsciente coletivo de Jung, Vogler (2006, p. 48) foi além e comentou que “os contos de fadas e os mitos seriam como os sonhos de uma cultura inteira, brotando desse inconsciente coletivo. Os mesmos tipos de personagens parecem ocorrer, tanto na escala pessoal, como na coletiva.”

Ademais, para ele o conceito arquetípico “é uma ferramenta indispensável para se compreender o propósito ou função dos personagens em uma história” (VOGLER, 2006, p. 48).

Pode-se observar, nas narrativas, que os arquétipos não são estáticos nos personagens, pois um mesmo personagem possui diversos arquétipos durante o enredo.

Em uma narrativa, “pode-se pensar nos arquétipos como *máscaras* usadas temporariamente pelos personagens à medida que são necessárias para o avanço da história.” (VOGLER, 2006, p. 49). O arquétipo pode ser visto com uma função flexível que, constantemente, muda conforme o enredo da narrativa.

Afinal, o que é um herói? “A palavra herói vem do grego, de uma raiz que significa 'proteger e servir'” (VOGLER, 2006, p. 52). Portanto, Herói “é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos” (CAMPBELL, 1949, p. 13).

No momento que o arquétipo do Herói está ativo nos indivíduos, “eles podem ser ambiciosos e buscar desafios [...] ou ser Heróis mais relutantes, que reconhecem uma injustiça ou um problema e simplesmente fazem o que precisa ser feito, naquele momento, para consertar aquela situação.” (MARK e PEARSON, 2001, p. 115)

O arquétipo do Guerreiro-Herói pode ser definido como “generoso defensor da verdade e da justiça, pronto a morrer por aquilo que acredita e/ou a serviço daqueles que não podem defender a si mesmos” (RANDAZZO, 1996, p. 160). Além da generosidade, a principal motivação do Herói é “fazer do mundo um lugar melhor. Seu medo subjacente é não ter as qualidades necessárias para preservar e vencer” (MARK e PEARSON, 2001, p. 114).

Pode-se reconhecer e identificar muitas qualidades dos Heróis próximas às nossas. Sendo eles “impelidos pelos impulsos universais que todos podemos compreender: o desejo de ser amado e compreendido, de ter êxito, de sobreviver, de ser livre, de obter vingança, de consertar o que está errado, de buscar auto-expressão[sic]” (VOGLER, 2006, p. 53). Mas, segundo Vogler (2006), os Heróis precisam ter algumas outras qualidades admiráveis para que se deseje ser como eles.

Heróis são protetores “das pessoas a quem vêem[sic] como inocentes, frágeis ou legitimamente incapazes de ajudar a si mesmas” (MARK e PEARSON, 2001, p. 115). Assemelhado com os programas sensacionalistas, onde os apresentadores são protetores dos mais vulneráveis, expostos diariamente à violência.

Pode-se relacionar o arquétipo do Herói com a realidade pois, “o arquétipo do Herói

representa a busca de identidade e totalidade do ego. No processo de nos tornarmos seres humanos completos e integrados, somos todos Heróis, enfrentando guardiões e monstros internos, contando com a ajuda de aliados” (VOGLER, 2006, p. 53).

O Herói proveniente do mundo cotidiano “se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1949, p. 18).

Para que deseje ser um Herói, eles “precisam ser seres humanos únicos, e não criaturas estereotipadas ou deuses metálicos, sem manchas e previsíveis. Como qualquer verdadeira obra de arte, eles precisam, ao mesmo tempo, de universalidade e originalidade.” (VOGLER, 2006, p. 53).

Uma das coisas que o Herói adquire ao longo da narrativa é conhecimento, “os heróis ultrapassam obstáculos e conquistam metas, mas também adquirem novos conhecimentos e mais sabedoria.” (VOGLER, 2006, p. 54). Além disto, o papel heroico é agir, “o Herói, geralmente, é a pessoa mais ativa do roteiro. Sua vontade, seu desejo, é que empurram as histórias para a frente.” (VOGLER, 2006, p. 54).

Humildes, os Heróis não têm uma visão heroica de si mesmos. Pelo contrário, “é mais típico deles se verem como pessoas que apenas cumprem seu dever” (MARK e PEARSON, 2001, p. 116). Enxergam-se como bons cidadãos, pessoas bem intencionadas, mas nada que as outras pessoas não consigam repetir.

Sabe-se o quão difícil é agradar a todos. E “a armadilha dentro do Herói pode fazer você se ver como um indivíduo heróico[sic], enquanto os outros vêem[sic] você como um vilão” (MARK e PEARSON, 2001, p. 116). Mas, os defeitos tornam os personagens mais interessantes, “fraquezas, imperfeições, cacoetes e vícios imediatamente tornam um Herói ou qualquer personagem mais real e atraente. Parece que, quanto mais os personagens forem neuróticos, mais as platéias[sic] gostam deles e se identificam com eles” (VOGLER, 2006, p. 56).

O arquétipo contrário ao do Herói, segundo Vogler (2006, p. 83) é a Sombra, “representa a energia do lado obscuro, os aspectos não-expressos, irrealizados ou rejeitados de alguma coisa. Muitas vezes, é onde moram os monstros reprimidos de nosso mundo interior.” O autor em questão utiliza o termo Sombra como sinônimo de Vilão.

Nas narrativas, a Sombra “projeta-se em personagens chamados de vilões, antagonistas ou inimigos. Os vilões e inimigos, geralmente, dedicam-se à morte, à destruição ou à derrota do herói” (VOGLER, 2006, p. 83). Sendo ou não personagem, “a Sombra pode, simplesmente, ser aquela nossa parte obscura contra a qual estamos sempre lutando, em nosso combate contra os maus hábitos ou velhos medos” (VOGLER, 2006, p. 83).

O Herói pode também ser a Sombra, quando fica paralisado “pelas dúvidas ou pela culpa, age de modo autodestrutivo, manifesta vontade de morrer, se deixa inebriar pelo sucesso, abusa do poder ou se torna egoísta em vez de se dispor ao sacrifício” (VOGLER, 2006, p. 84).

É preciso ter cuidado, pois muitas Sombras são consideradas homens corretos. “Cuidado com o homem que acha que os fins justificam os meios. A sincera certeza de Hitler de que tinha razão, e de que era até heróico[sic], permitiu que ele ordenasse as maiores atrocidades para atingir seus objetivos” (VOGLER, 2006, p. 86).

Campbell (1949, p. 21) cita

como Freud demonstrou, os erros não são um mero acaso; são, antes, resultado de desejos e conflitos reprimidos. São ondulações na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas. E essas nascentes podem ser muito profundas, tão profundas quanto a própria alma. O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino.

Pode-se relacionar esse conceito ao de Sombra, proposto por Vogler (2006).

Durante os dois últimos capítulos, foram conceituados a tese da Sociedade do Espetáculo e do Arquétipo do Herói e do Vilão, sempre apresentando-os num contexto geral. Para um melhor entendimento, na prática, o próximo capítulo traz o referencial teórico explorado na minissérie “Bandidos na TV”, durante seus setes episódios de duração.

4. Estudo de Caso: Bandidos na TV

A violência em Manaus sempre preocupou os habitantes da capital amazonense, nesse cenário, surge o programa “Canal Livre” que tinha por objetivo acabar com as organizações criminosas da cidade. Chamadas de “galeras”, as organizações promoviam execuções dos rivais diariamente. No mapa da violência divulgado pelo IPEA (2019, p. 18), Manaus aparece como a terceira cidade mais violenta do norte do Brasil e o motivo é explicado no seguinte trecho “é um território importante para a logística do narcotráfico, disputado por facções penais como o PCC e a Família do Norte” (BANDIDOS NA TV, 2019)

Francisco Wallace Cavalcante de Souza (1958-2010), conhecido apenas por Wallace Souza, nasceu e viveu em Manaus - Amazonas. Em 1979, ingressou na Polícia Civil, de onde 8 anos depois foi expulso por desvio de combustível, 30 anos depois da sua expulsão verificou-se a sua inocência. Já em 1996, começou sua carreira política, não se elegendo por obter pouco mais de 800 votos. Ainda nesse ano, ingressou na TV Rio Negro, afiliada da TV Bandeirantes, com o programa "Canal Livre", criado e apresentado por ele mesmo.

Os inúmeros crimes fizeram com que o programa fosse um sucesso, desbancando inclusive a liderança da Rede Globo no norte do país. O apresentador Wallace Souza era uma celebridade. Em 1998, na sua segunda tentativa em ingressar na carreira política, conseguiu a façanha de eleger-se como o deputado mais votado do estado, obtendo mais de 51 mil votos. O deputado conseguiu reeleger-se em 2002 e 2006. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Durante o terceiro mandato de Wallace Souza, em 2008, o ex-policial militar Moacir Jorge Pessoa da Costa, conhecido como Moa, denunciou o deputado com mandante de diversos crimes, envolvendo o esquadrão da morte. “Após se defender por nota, Moa provou ser amigo de Wallace com uma foto do mesmo na beira de uma piscina. Moa era investigado por formação de quadrilha, tráfico de drogas, ameaça a testemunhas e porte ilegal de armas, crimes que também foram ligados ao apresentador” (WALLACY FERRARI para o site AVENTURA NA HISTÓRIA, 2020).

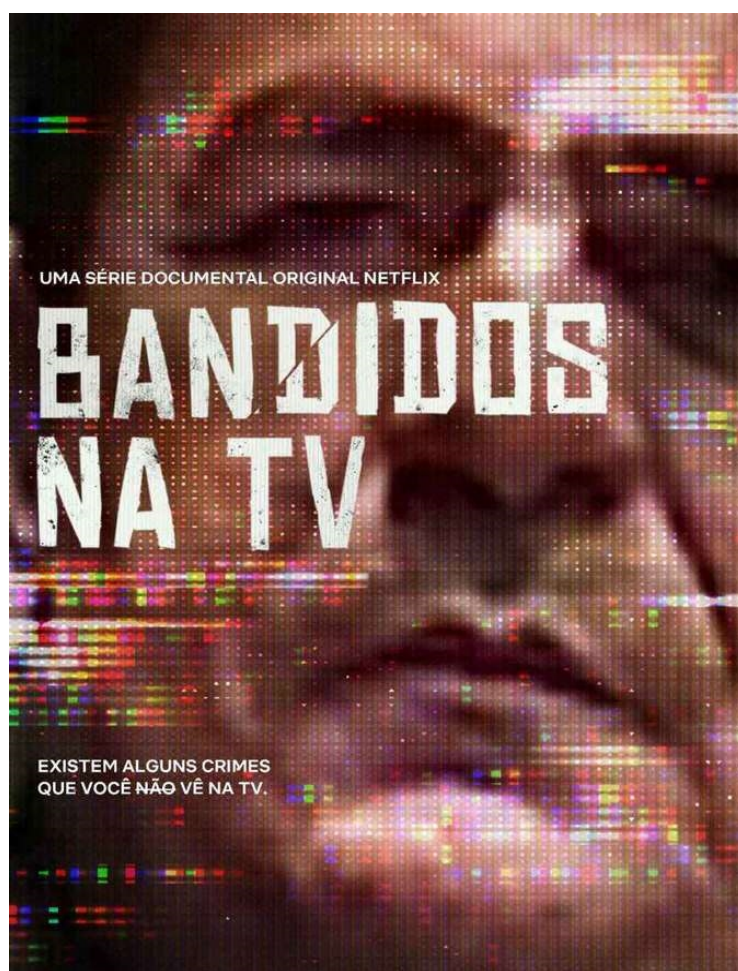
As investigações tornaram a história internacional. Nesse contexto, a minissérie documental “Bandidos da TV”, lançada em 2019 pela plataforma de streaming Netflix, ao longo dos sete episódios explora o passo-a-passo da investigação e cobertura feita pela mídia na época. “Produzida ao longo de 18 meses, com equipes em Manaus, a série foi dirigida pelo diretor e produtor premiado Daniel Bogado e vai se chamar, em inglês, 'Killer Ratings' - uma referência aos índices de audiência obtidos pelo programa policial que Wallace Souza comandava na TV” (A CRÍTICA, 2019).

A minissérie conta com 7 (sete) episódios que exploram a história das investigações envolvendo Wallace Souza. Serão analisados os episódios, de forma que a série seja entendida por completo. Conforme já mencionado na introdução desse artigo, os episódios são intitulados:

- 1º Episódio: A acusação - Durante esse episódio, apresenta-se a cidade de Manaus, os personagens envolvidos nessa trama e o início das investigações;

- 2º Episódio: A investigação - Esse episódio aprofunda-se nas investigações presididas pela Força-tarefa, composta por PMs e integrantes do Ministério Público;
- 3º Episódio: Conspiração - Nesse episódio, há uma reviravolta no principal acusador de Wallace Souza. No final desse episódio, Raphael Souza, filho de Wallace é preso;
- 4º Episódio: O filho - Esse episódio trata das provas que incriminam Raphael Souza;
- 5º Episódio: Nas mãos de Deus - A Força-tarefa encaminha o relatório do caso Wallace Souza para a ALE-AM (Assembleia Legislativa do Estado de Amazonas);
- 6º Episódio: O julgamento - Wallace Souza tem o mandato cassado e foge para não ser preso em cela comum;
- 7º Episódio: Comoção e barbárie - A violência em Manaus segue descontrolada após a prisão de Wallace Souza.

Figura 1 – Capa da Minissérie “Bandidos da TV”



Fonte: Adoro Cinema (2019)

As investigações do Caso Wallace Souza começaram a partir do depoimento de um ex-policial, Moacir Jorge Pessoa da Costa, o Moa, que foi preso após uma denúncia anônima por tráfico de drogas. Resistindo à prisão, Moacir Jorge oferece dinheiro em troca de liberdade, afirmando que, na cadeia ele seria morto. Ao ser questionado do porquê, ele resolve delatar Wallace Souza. Após o vazamento de seu depoimento, Wallace Souza vem a público e nega as acusações. Então, surge uma prova que deixa todos com dúvidas: uma foto é enviada (Figura 2) para todas as emissoras de Manaus. Essa foto comprova a relação entre o Deputado Wallace Souza e Moacir Jorge. (BANDIDOS NA TV, 2019) A prova que surgia em forma de foto faz um parêntese exatamente com o que Debord (1967) comentava sobre sociedade mediada por imagens, nesse caso literalmente uma foto.

Figura 2 – Foto enviada para as emissoras



Fonte: A Crítica (2019).

A divulgação dessa foto e o depoimento de Moacir Jorge causaram um escândalo na mídia. O mesmo estava detido em uma unidade prisional e isso foi divulgado pela mídia. Após as notícias, a unidade prisional foi vítima de uma explosão na qual o principal alvo era o prisioneiro Moacir Jorge. Ele sobreviveu e foi transferido para um local secreto. Mais tarde, a perícia da explosão na unidade prisional apontou que foi um erro dos policiais. A partir do depoimento de Moacir Jorge, foi possível entender a dimensão da organização em que ele estava inserido. A Polícia Militar, juntamente com o Ministério Público criaram uma Força-tarefa para investigar o caso Wallace Souza. Baseados no depoimento de Moacir Jorge, eles verificaram cada fato relatado por ele. (BANDIDOS NA TV, 2019)

4.1 O programa Canal Livre

A peça chave para a investigação foi o programa “Canal Livre”, os repórteres desse programa sempre eram os primeiros a chegar nas cenas dos crimes e sabiam de detalhes que até mesmo a perícia não sabia. Coelho e Castro (2006) comentam sobre os programas sensacionalistas que são conhecidos por usarem imagens que chocam e prendem a atenção do público, criando, assim, grande expectativa, mas que perdem seu impacto inicial após a história ser mostrada. Abaixo, serão expostos os elementos do “Canal Livre” relevantes para a Sociedade do Espetáculo. (BANDIDOS NA TV, 2019)

No decorrer dos programas, Wallace Souza cobrava resoluções das autoridades de segurança no estado de Manaus. Como já mencionado por Coelho e Castro (2006), as imprensas alternativas propõem um discurso menos ideológico, sendo assim, quanto mais distante do jornalismo clássico e mais próximo do entretenimento seria menos forte o discurso hegemônico. O afastamento do jornalismo clássico faz com que programas tipo o “Canal Livre” tenham um discurso menos ideológico. Mas, aqui, vemos uma certa contradição no caso Wallace Souza, pois o mesmo era político.

O programa “Canal Livre”, assim como os outros do mesmo gênero, buscam, conforme Coelho e Castro (2006), ser um instrumento de reivindicação, não limitando-se a noticiar os fatos. Eles querem, supostamente, fazer “justiça”, pressionando as instituições responsáveis. Em todos os programas, Wallace Souza chamava a atenção do Secretário de Segurança de Manaus, entre outras autoridades da segurança pública. (BANDIDOS NA TV, 2019)

A guerra por territórios na capital era violenta e os repórteres do “Canal Livre” aproveitavam que eram sempre um dos primeiros programas a chegar no local e mostravam o sofrimento da família ao encontrar o ente querido morto, gritos, histeria. Isso deve-se, de acordo com Coelho e Castro (2006), ao interesse crescente por episódios televisivos contendo certo grau de violência e/ou tragédias humanas. O interesse é caracterizado, principalmente, pela busca do *espetáculo* que pelas soluções. Com isso, pode-se observar que o consumo de imagens violentas deve-se ao fato da representação do mundo da espetacularização midiática apresentada pelo “Canal Livre”. A audiência do “Canal Livre” pode ser explicada por Debord (1967, p. 23), quando menciona que a “forma e conteúdo do espetáculo são, identicamente, a justificação total das condições e dos fins do sistema existente.”.

O programa “Canal Livre” era transmitido diariamente, ao vivo no horário do almoço. A liderança na audiência era causada porque o que antes era vivido agora se afastou numa representação (DEBORD, 1967). As pessoas olhavam a representação da violência através do programa (COELHO e CASTRO, 2006). O discurso do programa oscilava entre indicar causas para a violência, mostrar a falta de segurança exigindo soluções e, ao mesmo tempo, mostrava os crimes, os bandidos, a ação policial, tiroteios. O que podia, inclusive, marginalizar pobres, favelados e desempregados.

Como o “Canal Livre” era líder em audiência no norte do país, era possível inserir propagandas cobrando um valor elevado devido aos bons índices de audiência e, quanto mais violência noticiada, maior era a audiência. Assim, eles poderiam cobrar um alto valor pela publicidade, o que gerava um retorno imenso (COELHO e CASTRO, 2006). Foi mencionado na série que, no auge da audiência do programa, o valor arrecadado com publicidade chegou a 100 mil reais. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Uma outra característica do programa era não esconder nenhum detalhe sequer, as imagens eram constantemente repetidas, além das imagens do caso (COELHO e CASTRO, 2006). As imagens exibidas eram bem pesadas e limitavam-se a esconder somente o corpo da vítima, o sangue ao redor denunciava a brutalidade do crime. As imagens, mostradas de diversos ângulos, incomodavam as pessoas mais sensíveis.

A plateia presente no “Canal Livre”, composta por pessoas comuns, em meio às notícias, permanecia sem reação para os fatos narrados pelos repórteres e comentados pelo apresentador

Wallace Souza. Isso deve-se ao ritmo do recebimento dos acontecimentos: rápidos e escrachados, o que permitia aos telespectadores compreender os fatos.

A guerra para dar o furo primeiro, faz com que os programas sensacionalistas deslizem nas regras do bom jornalismo: “ouvir todas as partes envolvidas, conferir as informações antes de divulgá-las e, principalmente, não condenar previamente suspeitos ou acusados” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 97). Esses deslizos fazem com que o programa perca a credibilidade. Porém, programas desse gênero lidam com temas familiares e corriqueiros na vida de muitos telespectadores.

O público-alvo do “Canal Livre” era a classe C, em sua maioria de zonas periféricas de Manaus, a linguagem utilizada no programa era coloquial e servia para “fortalecer a fusão entre o público com a história relatada” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 95). Assim, a representação da população mais atingida pela violência que dominava a capital amazonense era vislumbrada pela própria.

O sucesso desses programas deve-se à apelação visual. As imagens mostradas atraem e sensibilizam o público. A partir desses elementos, que escandalizam a notícia, os programas conseguem aproximar-se ainda mais dos telespectadores, que se sentem representados.

Em meio ao caos noticiado pelo apresentador Wallace Souza, eram feitas brincadeiras com o boneco Galerito, músicas, danças e, até mesmo, haviam as propagandas do Gil, vendedor de Esfirra. Sorteio de prêmios no meio das matérias eram comuns, publicidade, etc. Era um misto de alegria para os sorteados e tristeza pelas notícias divulgadas. Também, no programa, eram feitas doações para os mais necessitados. Com vontade de ajudar mais ainda, Wallace Souza, candidata-se a deputado federal. O Herói sente-se fortalecido com os desafios e responde rápido quando se trata de crise (MARK e PEARSON, 2001). No caso de Wallace Souza, o desafio da vez seria a candidatura a deputado federal.

4.2 Investigações

A Conspiração começa quando Mary Tereza, esposa de Moacir Jorge, dirige-se até a Comissão de Direitos Humanos de Ética alegando que seu esposo foi torturado para confessar, assinou papéis que não havia lido, que havia sido espancado pelo Secretário da Força-tarefa. Para provar a conexão entre Wallace Souza e Moacir Jorge, a Força-tarefa solicitou para a

justiça brasileira a quebra de sigilo e a interceptação telefônica de Moacir Jorge. A Comissão de Direitos Humanos buscou averiguar as acusações de Mary Tereza sobre as torturas. Segundo a Comissão de Direitos Humanos, houve muitas contradições no depoimento de Moacir Jorge (BANDIDOS NA TV, 2019). Segundo Vogler (2006), o Herói passa por diversas provações e, ao longo de sua jornada, adquire diversos aliados e, também inimigos, nesse momento, Mary Tereza tornava-se aliada de Wallace Souza na luta para provar sua inocência.

Durante toda a investigação da Força-tarefa, Wallace Souza deixava claro que a motivação das investigações era a perseguição política por denunciar situações contra outros políticos. Abrindo, inclusive uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para apurar um esquema de pedofilia, envolvendo o prefeito de Coari, - localizado a mais de 430 km de Manaus -, Adail Pinheiro⁴ que, juntamente com assessores, aliciavam, seduziam e estupravam crianças. A CPI foi descontinuada (BANDIDOS NA TV, 2019). Adail Pinheiro era aliado de Eduardo Braga⁵ que também foi um dos inimigos que Wallace Souza conquistou na carreira política.

Mary Tereza procura o Secretário de Segurança que, juntamente com um dos membros da Comissão dos Direitos Humanos colhe um novo depoimento dela. Ela muda a versão e diz que seu marido, Moacir Jorge, trabalhava como “segurança” para o deputado Wallace Souza. Nesse depoimento, ela alega ter recebido R\$ 5.000 para dizer que Moacir Jorge tinha sido torturado. As dúvidas sobre a relação entre Wallace Souza e Moacir Jorge acabaram quando os resultados das interceptações telefônicas chegaram e mostraram que haviam diversas ligações de Moacir Jorge para Wallace Souza e Raphael Souza (BANDIDOS NA TV, 2019). Com a nova versão de Mary Tereza, agora ela passava de aliada à inimiga de Wallace Souza.

A Força-Tarefa prossegue com as investigações, o deputado Wallace Souza possuía foro privilegiado. A estratégia da Força-Tarefa expediu um mandado de busca e apreensão para Raphael Souza, filho de Wallace Souza, que residia no mesmo endereço que o deputado. Assim, quando iriam tocar a campainha, aproxima-se uma caminhonete, o motorista era o próprio Raphael Souza. É feito uma vistoria no carro que ele dirigia e que pertencia a Wallace Souza. Nele, foram encontradas munições. Dentro de uma maleta, no quarto de Wallace Souza, foram encontradas uma lista de armas. Ainda no quarto, em um cofre, foram encontrados cerca de R\$ 243.000,00 e \$ 15.000. No quarto de Raphael Souza, em um armário trancado, foram

⁴ Sentenciado a 57 anos de prisão. Por conta do poder político cumpre a sentença em liberdade.

⁵ Governador de Amazonas na época.

encontradas 9 munições deflagradas, uma lista dos assassinatos cometidos pela organização e munição de 9mm e outros tamanhos. Nesse momento, é dada voz de prisão a Raphael Souza. Ele alegou estar passando mal e foi levado de ambulância ao hospital. Após a alta, ele foi encaminhado até a cadeia pública. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Recapitulando o que foi encontrado no carro e na casa de Wallace e Raphael Souza:

- Munições ilegais;
- Lista de armas;
- Munições deflagradas;
- Lista dos assassinatos;
- Dinheiro ilegal.

A Força-Tarefa continua a investigação com um pedido de busca e apreensão de outros envolvidos no caso, dentre eles motoristas, seguranças, alguns funcionários do “Canal Livre”. Ao longo dos episódios, são colocados depoimentos dos envolvidos, inclusive da diretora do “Canal Livre”, Vanessa Lima (2017), que diz, “quem são os *heróis*, o canal livre são os *heróis*”. Os Heróis têm a função de proteger, eles são protetores “das pessoas a quem veem[sic] como inocentes, frágeis ou legitimamente incapazes de ajudar a si mesmas” (MARK e PEARSON, 2001, p. 115). Nesse caso, os inocentes são os moradores das regiões mais afetadas pelas “galeras”, em Manaus. Ainda, segundo Vanessa Lima (2017), o canal era confundido com delegacia, a população ligava para a produção para denunciar crimes. (BANDIDOS NA TV, 2019)

“Como uma forma de representação do mundo e de seus fatos, a imprensa pode se aproximar mais das verdades que explicam o funcionamento das sociedades modernas ou se afastar através de uma representação ideológica da realidade” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 52). A cada dia surgia uma nova acusação contra Wallace Souza, deixando o público dividido em relação ao caso. Durante as investigações, Wallace Souza se afastou do programa “Canal Livre” permanecendo assim “sem voz”. O único espaço que ele tinha era o discurso na tribuna, onde passou a defender-se das acusações. Vazam diversas imagens de Wallace Souza com alguns traficantes famosos em Manaus. (BANDIDOS NA TV, 2019)

A situação de Wallace Souza se complica deveras, quando a Força-Tarefa encaminha o relatório do caso para a ALE-AM (Assembleia Legislativa do Estado de Amazonas). As acusações contra o deputado eram: coação de testemunhas, formação de quadrilha e associação

para o tráfico. O relatório enviado sugeria quebra do decoro parlamentar, justamente pelos envolvimento com indivíduos malvistos como, por exemplo, Moacir Jorge, Coronel Arce⁶, Frankzinho do 40⁷ (BANDIDOS NA TV, 2019).

Criou-se, então, uma Comissão de Ética para apurar as infrações cometidas por Wallace Souza. Segundo Antônio Zacarias (2017), do portal Zacarias, “eles (Força-Tarefa) inventaram essa história do Wallace para torná-lo, aos olhos da opinião pública, um monstro”. A Comissão de Ética, apurou os fatos também e um dos depoimentos era o de Wallace Souza. Com a saúde debilitada por conta do baço dilatado e uma veia do coração obstruída, a Comissão entendeu que seria mais conveniente colher o depoimento do deputado no hospital, porém, por decisão própria, o deputado Wallace Souza, vai até a ALE de maca, acompanhado por um médico, para dar seu depoimento. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Figura 3: Wallace Souza prestando depoimento na ALE



Fonte: Print da Minissérie (2020).

Sobre a ida de Wallace Souza a ALE para prestar depoimento, o jornalista político André Alves (2017) comenta: “não foi só impactante, desconfiava-se que a cena era mesmo

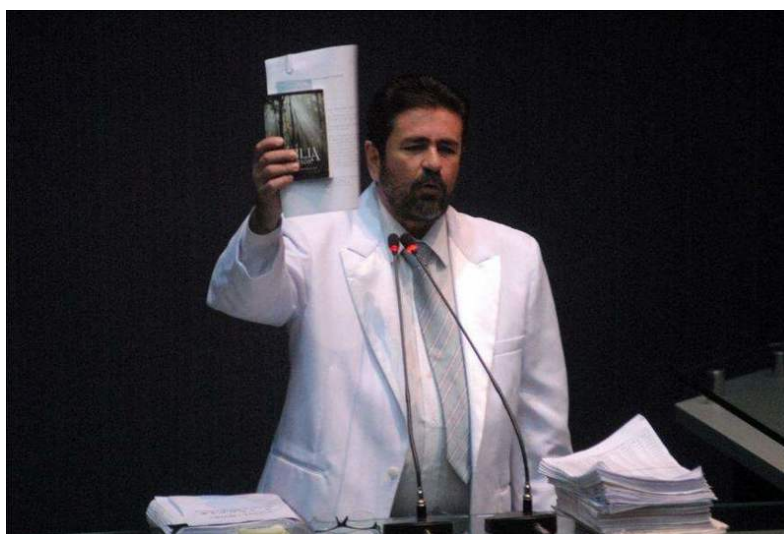
⁶ Felipe Arce era um Coronel da PM que matava bandidos. Ele foi condenado a 33 anos de prisão por homicídio.

⁷ Narcotraficante de Manaus. Sua cabeça foi encontrada em uma mala no Rio Negro, em 2013.

necessária. O deputado Wallace Souza, transformou aquilo num *espetáculo*”. Ele ainda fala sobre ambos os lados utilizarem a mídia para influenciar a opinião pública. A Força-tarefa entendeu que precisava do apoio público, então, começou a fazer divulgações diariamente sobre o caso. O Fantástico exibiu uma grande reportagem sobre as investigações do caso Wallace Souza. A partir dessa reportagem, o caso tomou proporções internacionais (BANDIDOS NA TV, 2019). A sociedade transformou-se em consumo e produção de imagens espetaculares e “instalou o espetáculo em todas as instâncias comunicativas” (COELHO e CASTRO, 2006, p. 103).

A Comissão de Ética decidiu levar a decisão da cassação ao plenário. No dia do julgamento, Wallace Souza vestiu um terno branco (Figura 4) para, segundo ele, declarar paz e discursou com uma Bíblia, pedindo justiça. Foi aclamado pelo público que assistia a sessão no plenário. Wallace Souza estava prestes a encarar a *provação*, que é o confronto direto com seu medo, o maior medo. Segundo Vogler (2006, p. 43), “esse é um momento crítico em qualquer história. É uma Provação em que o herói tem de morrer ou parecer que morre, para poder renascer em seguida.” Os deputados permaneceram em silêncio durante toda a votação e o resultado surpreende, 16 votos a favor da cassação, 4 votos contra a cassação e 3 abstenções. Após a leitura da decisão, a plateia grita e xinga os deputados presentes. Agora, Wallace Souza era um cidadão comum e responderia sem o foro privilegiado. Ele optou por fugir para não ser levado para celas comuns no presídio. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Figura 4: Wallace Souza discursando no plenário



Fonte: A Crítica (2019).

Depois de alguns dias foragido, o advogado de defesa de Wallace Souza negociou com a polícia que ele se entregaria, caso fosse para uma cela separada. E assim foi feito, no dia 09 de outubro de 2009, Wallace Souza entrega-se para a polícia e vai para uma cela separada. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Antes do depoimento de Moacir Jorge, o ex-deputado Wallace Souza era considerado um herói na luta contra o crime organizado na capital de Amazonas. O depoimento de Moacir Jorge, lançou uma dúvida sobre o heroico Wallace Souza, que, após algumas contradições no seu discurso, usava o plenário para defender-se das acusações. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Como exposto anteriormente, Wallace Souza era deputado estadual e lutava para melhorar a condição de vida da população no que dizia respeito à saúde, segurança e educação, contribuindo para os debates com as “pesquisas” realizadas no programa. Preguiçosos, corruptos e enganadores eram os políticos atacados constantemente no “Canal Livre”. Mesmo sendo político, ele não poupava julgamento contra as autoridades da segurança pública.

Pode-se observar algumas características do arquétipo do Herói nas atitudes dele como, por exemplo, ser um homem que venceu suas limitações pessoais e locais. As ideias e inspiração dessa pessoa vem das fontes primárias da vida e pensamento humano (CAMPBELL, 1949). Wallace Souza vem de uma família humilde e consegue o feito de eleger-se como o deputado mais votado de Amazonas.

Quando esse arquétipo está ativo nos indivíduos, ele se manifesta de duas formas: ou os indivíduos são ambiciosos e buscam desafios ou podem ser relutantes ao reconhecer uma injustiça e fazem o que precisa ser feito (MARK e PEARSON, 2001). No caso de Wallace, ele aparentava ser mais relutante.

Em um dos episódios, é comentado que Wallace Souza afirmava possuir a solução para exterminar com a violência em Manaus. E é aí que mora a armadilha dentro do arquétipo do Herói que pode fazer você enxergar-se como um Herói, enquanto os outros o veem como um Vilão (MARK e PEARSON, 2001).

Wallace Souza também tinha seu lado “Sombra” (Relembrando, esse é o termo usado pelo autor Vogler como sinônimo de Vilão), conforme observado durante as investigações. Ele mantinha contato com pessoas malvistas, como ex-policiais acusados de homicídios, traficantes e toda sorte de criminosos menores ou equivalentes. A Sombra não necessariamente é um personagem, ela pode ser simplesmente nossa parte obscura contra a qual sempre se luta.

(VOGLER, 2006). Esse lado de Wallace Souza, podia ser uma faceta que ele não gostaria de mostrar aos telespectadores do “Canal Livre”, mas as investigações escancararam isso para todos.

Os defeitos dos indivíduos são o que os tornam únicos e isso serve, também, para o arquétipo do Herói. As fraquezas e imperfeições fazem com que o Herói torne-se mais humano e mais atraente. Quanto mais neuróticos, mais a plateia gosta (VOGLER, 2006). Todos erram e saber que uma pessoa que você admira também comete erros é reconfortante. Mas, quando se trata de uma figura política, os erros esperados são zero.

Chega o dia do julgamento, o crime pelo qual Wallace Souza estava sendo julgado era o do homicídio do Caçula, um traficante da área do São Jorge, em Manaus. O principal motivo para o homicídio seria que o traficante Caçula era o fornecedor de drogas para o falecido irmão de Wallace Souza, Ulisses, dependente químico falecido em decorrência do uso de drogas. Os réus eram: Raphael Souza, Moacir Jorge, Wallace Souza e o Mário “pequeno”, motorista de Wallace Souza. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Novamente hospitalizado, Wallace Souza não compareceu ao julgamento e, dessa vez, o depoimento foi colhido no hospital pela Juíza Mirza Telma, responsável pelo caso. Analisadas todas as provas, a Juíza apresentou sua decisão: havia indícios suficientes para os quatro acusados serem levados a júri popular. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Com o caso aguardando o tribunal do júri, a Força-tarefa segue investigando e surge uma nova testemunha, Gisele Vaz, ex-repórter do “Canal Livre”. Em depoimento, ela contou que, por diversas vezes, viu drogas serem plantadas nas casas de inocentes. Em algumas operações, Wallace Souza fazia inocentes confessarem os crimes a base de tortura. (BANDIDOS NA TV, 2019)

A saúde de Wallace Souza agrava-se, ele estava com trombose na veia porta, internado em São Paulo. Para tentar melhorar o estado de Wallace Souza, ele passou por uma cirurgia, mas não resistiu e foi a óbito (BANDIDOS NA TV, 2019). A jornada do Herói de Wallace Souza acabou sem recompensa e sem a volta ao Mundo Comum.

O processo não parou e, finalmente, aconteceu o tribunal do júri com os outros três acusados. No tribunal do júri, o depoimento de Moacir Jorge surpreendeu, dizendo que foi torturado para confessar. Os sete jurados decidiram e a juíza leu a sentença: Mário “pequeno”

e Moacir Jorge foram absolvidos das acusações. No entanto, Raphael Souza foi condenado por homicídio simples com uma pena de reclusão de nove anos. (BANDIDOS NA TV, 2019)

Durante as investigações do caso Wallace Souza, houve um aumento da violência na cidade de Manaus, diversos traficantes sendo mortos, esquartejados, todos os dias pela Família do Norte, uma organização criminosa que ganhou força após o caso Wallace Souza. Em 1º de Janeiro de 2017, no presídio COMPAJ (Complexo Presidiário Anísio Jobim), aconteceu o último capítulo do caso Wallace Souza. Dentro do presídio, a guerra era entre as facções FDN (Família do Norte) e PCC (Primeiro Comando da Capital). Um confronto teve início às 16h:08min daquele 1º de Janeiro. Dezenas de corpos são empilhados⁸ como prêmios do confronto. Toda essa barbárie aconteceu em 40 minutos, deixando como um dos mortos, Moacir Jorge que foi executado dentro da sua cela. (BANDIDOS NA TV, 2019)

O triste fim do caso Wallace Souza nos mostra o poder que a imprensa tem de criar mitos e, principalmente, monstros. De fato, nunca foi provada a participação de forma efetiva no homicídio, mas também não conseguiram comprovar sua inocência. Esse caso nos alerta sobre o poder das palavras. Até hoje, diversas pessoas acreditam fielmente na inocência de Wallace Souza, pensando que as investigações foram perseguições políticas.

“O arquétipo do Herói representa a busca de identidade e totalidade do ego. No processo de nos tornarmos seres humanos completos e integrados, somos todos Heróis, enfrentando guardiões e monstros internos, contando com a ajuda de aliados” (VOGLER, 2006, p. 52).

5. Considerações finais

O aumento do consumo de drogas no Brasil faz com que o tráfico se intensifique. Consequentemente, a violência causada pela conquista de território do tráfico causa o sofrimento para diversas famílias, como aquelas que moram em comunidades mais periféricas e que, por vezes, são as mais atingidas.

Toda essa violência causada pelo tráfico ilegal de drogas produz conteúdo para os programas sensacionalistas exibidos em canais fechados e abertos com o intuito de extrair o maior índice de audiência. Esse tipo de programação utiliza-se de imagens chocantes e

⁸ Muitos deles, decapitados.

detalhistas para sensibilizar e capturar a atenção dos telespectadores. Durante a apresentação de programas desse gênero, não existe economia quando se trata de detalhar os crimes através de relatos e imagens. A riqueza de detalhes com que os crimes são contados assustam, mas, ao mesmo tempo, prendem a atenção dos que assistem.

Esse tipo de programa tem como característica, a transformação de notícias simples em fatos extraordinários, extraindo toda a carga emocional da notícia e descarregando nos telespectadores. As imagens e falas exibidas chocam e sensibilizam os que assistem a esse verdadeiro espetáculo.

Debord (1967) já apontava a imprensa na sociedade do espetáculo ao afirmar que a mesma é uma forma particular de produção do espetáculo, na qual se reproduz aspectos aparentes da sociedade. A imprensa ainda possui o propósito de ser um objeto da Sociedade do Espetáculo, bem como a TV, o cinema e o rádio, produzindo programas cada vez mais preocupados com o sucesso de mercado. Alguns programas brasileiros, como Cidade Alerta e até mesmo o Canal Livre, utilizam-se dessas técnicas para conseguir um número maior de telespectadores, pelas imagens sensíveis e chocantes que reproduzem. Os telespectadores se encontram anestesiados.

Também conhecida por “Teoria da Bala Mágica”, a Teoria Hipodérmica é assim definida por basear-se da suposição de que todo estímulo causado por uma mensagem enviada terá resposta, sem encontrar resistência do receptor, como o disparo de uma arma de fogo ou uma agulha hipodérmica, que perfuram a pele humana sem dificuldade. A passividade do receptor é a principal característica do indivíduo nesta teoria. (MEDIUM, 2019)

Os Arquétipos de Herói e Vilão fazem parte do inconsciente coletivo e têm certa influência na classificação que fizemos sobre determinadas pessoas. Algumas características heroicas como: proteger pessoas que consideram inocente, enfrentar diversos problemas em prol de pessoas mais vulneráveis, misturadas com alguns “defeitos” têm o poder de transformarem um indivíduo em alguém admirável, um verdadeiro Herói. Já o Vilão – ou Sombra, conforme conceito mencionado por Vogler (2006) - é a parte mais obscura que pode estar relacionada tanto aos defeitos ou problemas internos do indivíduo, quanto a um segundo indivíduo que possa querer o mal.

A partir do objeto de estudo, a minissérie “Bandidos na TV”, cujos corpus da pesquisa foram os 7 episódios, através da descrição e análise dos mesmos, confrontados com a tese da Sociedade do Espetáculo e os Arquétipos de Herói e Vilão - ou Sombra, conforme utilizado por

Vogler (2006) - conclui-se que, essas teses se aplicam nesse caso, através dos elementos sensacionalistas que foram muito apelativos para ambos os lados, acusação e defesa, além, de diversas outras observações feitas durante a pesquisa.

O tema é relevante pois, trata-se de uma pesquisa aplicada que se utiliza de conhecimentos já disponíveis para uma aplicação prática que foi o caso Wallace Souza. Esse estudo foi de grande valia já que sou aficionada por *true crime* e, conhecer mais um caso brasileiro de maneira aprofundada, acabou sendo bastante gratificante. O artigo é importante para os acadêmicos que desejam uma aplicação prática do assunto, com base em um viés teórico e acadêmico.

Por fim, os resultados alcançados mostram que houve uma personificação de Herói e Vilão em Wallace Souza, na minissérie “Bandidos na TV”. Durante a análise, foi possível identificar o perfil do apresentador que é de uma pessoa com traços de Herói, porém, com diversas características de Vilão. Através do artigo, foi possível fazer a ligação da sua trajetória profissional, além da composição do programa, linguagem e público alvo, que fazem com que Wallace Souza tenha tornado-se um ícone midiático produzido pela mídia contemporânea.

Referências

A CRÍTICA. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/policia-confirma-cabeca-encontrada-em-mala-era-de-ex-chefe-do-traffic>>. Acesso em 11 nov. 2020

A CRÍTICA. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/coronel-da-pm-felipe-arce-e-condenado-por-homicidio-tetra-qualificado-ocorrido-em-2004>>. Acesso em 11 nov. 2020

A CRÍTICA. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/saiba-quem-foi-wallace-souza-deputado-que-inspirou-serie-bandidos-na-tv>> . Acesso em 4 abr. 2020.

ADORO CINEMA. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/series/serie-25140/>>. Acesso em 21 out. 2020.

AMAZONAS 1. Disponível em: <<https://amazonas1.com.br/amazonas/manaus-e-a-terceira-capital-mais-violenta-do-norte-diz-estudo/>>. Acesso em 15 out. 2020.

AMAZONAS ATUAL. Disponível em: <<https://amazonasatual.com.br/manaus-e-a-terceira-cidade-com-mais-homicidios-do-brasil-e-a-primeira-da-regiao-norte-diz-ministerio-da-justica/>>. Acesso em 26 ago. 2020.

BANDIDOS NA TV. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80218009?trackId=14751296&tctx=2%2C0%2C5f3fe-27f5-4474-98fb-2cfca74af230-80373614%2C62bf47ef-04e2-46aa-91e0-1c8bf2620a23_86256191X55XX1605537853292%2C62bf47ef-04e2-46aa-91e0-1c8bf2620a23_ROOT%2C> Acesso em 28 out. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª edição. Lisboa: Presses Universitaires de France, 1977.

CANAL TECH. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/series/critica-bandidos-na-tv-141463/>>. Acesso em 8 out. 2020.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; DE CASTRO, Valdir José (orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2006.

CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/06/interna-brasil,747883/pesquisa-indica-3-5-milhoes-de-usuarios-de-drogas-ilicitas-governo-re.shtml#:~:text=Ainda%20segundo%20a%20pesquisa%2C%209,participantes%20indicaram%20abusar%20na%20dosagem>> . Acesso em 18 nov. 2020

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Edição online lê livros. Lê livros: 1967.

DICIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cognoscitivo/>>. Acesso em 15 set. 2020.

DICIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cosmovisao/>>. Acesso em 15 set. 2020.

DRIESSENS, Olivier. **A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade**. 2012.

FILMOW. Disponível em: <<https://filmow.com/bandidos-na-tv-1a-temporada-t276104/ficha-tecnica/>>. Acesso em 21 out. 2020.

IPEA. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>>. Acesso em 15 out. 2020

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora-da-Lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos**. 1ª edição. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2001.

MEDIUM. Disponível em <<https://medium.com/teorias-comunicacao/tamb%C3%A9m-conhecida-por-teoria-da-bala-m%C3%A1gica-a-teoria-hipod%C3%A9rmica-%C3%A9-assim-definida-por-basear-se-c3960c24857>> . Acesso em 21 dez. 2020.

MESSA, Fábio de Carvalho. **O gozo estético do crime dicção homicida na literatura contemporânea**. 1º edição. Florianópolis, 2002.

PENA, Felipe. **Celebridade e heróis no espetáculo da mídia**. 2002

QUERO BOLSA. Disponível em: < <https://querobolsa.com.br/enem/sociologia/cultura-de-massa>>. Acesso em 21 dez. 2020

RANDAZZO, Sal. **A criação de mitos na publicidade: como os publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso**. 1º edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

RAUEN. Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. 1º edição. Tubarão: Editora Unisul, 2002.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. [Tradução de Ana Maria Machado]. 2º edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WIKIWAND. Disponível em: <https://www.wikiwand.com/pt/Wallace_Souza>. Acesso em 15 out. 2020.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer imensamente a todos que acreditaram em mim, em minha jornada acadêmica. Nada disso seria possível sem todo o apoio que recebi. Obviamente, agradeço a Jeová Deus por me ajudar a alcançar tudo o que planejei. Agradeço a minha família, minha mãe Isabel, minha irmã Yasmin e meu namorado André, pois, sem dúvidas, eles me deram o apoio essencial, mesmo que tenha sido de forma discreta. Sou grata demais. Os dois últimos semestres da faculdade foram os mais difíceis. Em plena pandemia, aulas presenciais canceladas, terminar o TCC longe dos amigos da faculdade foi um desafio! Agradeço, em especial, ao Clube das Winx por me proporcionar diversos momentos divertidos dentro e fora da faculdade, meus amigos da vida! Falando em faculdade, gostaria de agradecer imensamente a minha orientadora, Teresinha, por toda a paciência e dedicação comigo e com minha pesquisa. E, por último mas, não menos importante, gostaria de agradecer a minha companheira Julieta que é uma gatinha muito inteligente.